

Águas passadas

Imagens do Rio antigo

— C. Siqueira Farjallat —

No quarto centenário da mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que ora se festeja com tantas e tão belas comemorações, nada mais oportuno, parece-nos, do que examinar de maneira leve, popular e acessível um pouco de seu passado histórico.

O presente aí está, pujante, visível, marcado por muitas realizações. Mas o que ficou para trás, este sim, para ser evocado precisará de mais esforço, de uma busca em documentos, crônicas e compêndios, de uma vontade em interpretar como foram, como viveram e como enfrentaram os obstáculos os homens daqueles tempos distantes.

Esta caminhada em marcha-ré em busca das imagens de uma época há muito passada oferece surpresas e aspectos muito curiosos. Vale a pena tentá-la, embora a reconstrução apresente, naturalmente, muitas falhas. Louis Bronfield dizia: "... alguma coisa acabou. Nunca sabereis como era em primeira mão; jamais conhecereis a terra onde procedem nossos Pais; visto que embora a fôsseis visitar, não a encontraríeis. Podeis descobrir um rio, um morro que reconheceríeis, graças às lendas, ou por terdes ouvido dizer, nada mais..."

Ainda assim, vale a pena este mergulho no tempo. Vamos lá.

INICIO DO SÉCULO XIX

Novembro de 1807. No porto de Lisboa há uma azáfama, um atropéio, um corre-corre jamais vistos. Não se trata de uma daquelas expedições gloriosas que vão partir em busca do El Dorado, singrando águas desconhecidas, povoadas de perigos. Os tempos heróicos e aventureiros já haviam passado para a velha nação portuguesa. Trata-se agora, pura e simplesmente da fuga desordenada da Família Real e de toda a corte para aquela distante colônia, terra de bugres e de negros, de papagaios e de ouro — Brasil. O motivo? A invasão do Reino pelos soldados franceses, por ordem de Napoleão. Por isso, a fidalguia, a corte vaidosa, os capelães da guarda real, os confessores, os frades, as damas-de-honra, os ministros e mais uma chusma de empregados de todas as categorias acompanham a Real Família na precipitada partida.

SOBRE AS ONDAS

Os navios da real frota meteram, pois, as proas rumo ao Brasil. Eram, conforme registram os historiadores cerca de 60 naus de combate e naus mercantes, escoltadas por navios ingleses. Incômodas embarcações aquelas! E além de primitivas, corcovando, ao sabor das vagas, estavam superlotadas — cerca de vinte mil pessoas — e sobrecarregadas com alfaias, baús, caixotes, porcelanas, tocheiros, santos, tudo quanto a ganância e a providência dos fugitivos pôde transportar. O desconforto era enorme. Água só para beber, de onde a sujidade horrível. Narra Luis Edmundo, citando um cronista que devido à falta de asseio a bordo, durante a atormentada travessia, as senhoras, mesmo as de sangue real, haviam sido obrigadas a cortar muito rente o cabelo... Lançaram assim, por pura necessidade, uma moda esquisita para a época, mas copiada avidamente.

SANGE AZUL

A Família Real era numerosa: o Príncipe Regente, D. João, D. Carlota Joaquina, sua estouvada consorte; D. Maria I, a Louca; D. Maria Benedita, velha de 61 anos de idade, viúva do Príncipe D. José; D. Mariana, ainda mais velha; os Infantes: D. Pedro e D. Miguel; seis Infantes, e ainda um Príncipe espanhol, de 20 anos, sobrinho de D. Carlota. Vieram também os grandes do Reino, gente importante de sangue azul, acompanhada de uma multidão de servos de toda a espécie. A verdadeira cepa da nação, o povo, este ficou para trás, para enfrentar sózinho as dificuldades da invasão.

FESTANÇAS

Informado da vinda de tão ilustres personagens, o Conde dos Arcos, então Vice-Rei, trata de preparar a modesta capital brasileira para os fidalgos hóspedes. Manda emissários a cavalo para as Províncias de São Paulo e Minas, pedindo auxílio para a hospedagem; providencia acomodações condignas; faz limpar o frontispício das casas e as ruas. Trata, enfim, de enfeitar a cidadezinha pobre, de fazer arcos com bandeirolas, de recolher os animais que pastavam pelos becos. Os cariocas rejubilaram-se com a esperada visita real. E trataram de preparar-se para ela. Conta-se que as costureiras e alfaiates não tinham mãos a medir. E o populêu ingênuo antegozavam grandes festejos, com muito foguetório e procissões. Não se falava em outra coisa no Rio modesto, cidade pequena erguida ali mesmo, na entrada da Guanabara...

DESGARRADOS

Mas fortes tempestades separam a Real Frota: uma parte dela aportou à Bahia, a outra desceu ao Rio, trazendo as Infantes. Mas estas não desembarcaram logo. Como exigia o protocolo, ficaram em seus beliches, mil e setenta e seis dias e semanas na barra, à espera de que a parte mais importante da comitiva aparecesse também.

BRASIL — CELEIRO DO REINO

Pela época, a nova terra, Brasil, com seus diamantes e seu ouro, o fumo e o açúcar, era o farto celeiro do Reino. Era ele que fazia luzir os esplendores da corte portuguesa, já há bastante tempo. D. João V, por exemplo, fazia gastos nababescos: mantinha em suas reais cavalaria 353 frísões para o serviço dos coches, 673 cavalos de sela e 316 muare, carros, literas e outros transportes. Mas o brasileiro, o pobre filho da terra, vivia mal. Além da dureza e do desprezo com que era tratado pelo rei, fosse abaixo do mediocre. Há os que o defendem porque foi durante o seu reinado que se criou o clima propício à independência... E há os que só descobrem no pobre marido de D. Carlota Joaquina todos os defeitos possíveis.

FESTAS CARIOCAS

Chegam afinal os Reais personagens. O Príncipe Regente, D. João, está alegre e bem disposto, tendo entre si e os franceses o largo oca-

no. Rejubila-se também à vista daquela boa terra, de tanta claridade, tanta verdura, e que tão bem o recebe. De aspecto vulgar, gordo, baloto, avelhantado, tímido era um homem de feitura invulgar. Desassejado, como aliás toda a família, tinha horror às roupas novas, conforme assegura textualmente Tobias Monteiro, em sua "História do Império". E Oliveira Martins conta que as roupas de D. João, pelo uso descuidado caíam-lhe aos pedaços. Quem está furiosa é D. Carlota Joaquina pisando aquela "terra de negros" — terra que ela escandalizaria com suas maluquices e desmandos.

O PRINCIPE SIMPLES

D. João tinha o coração terno, afetuoso, bom. Devoto e pacato — dele diziam os escritores que se apoiam em depoimentos dos que o conheceram na intimidade — Lucecock, Debret, Mawe. As poucas sentenças de morte que assinou foram-lhe arrancadas com dificuldade. Inculto, ainda assim, protegia artistas e cientistas, respeitando-lhes a inteligência.

Mas, vejamos como o definiu, irreverentemente, o historiador Luis Edmundo: "Sabia dissimular como ninguém... Quanto aos seus defeitos ou fraquezas, não foram de espantar. O maior, parece ter sido a pusilanidade que o acompanhou até morrer, aquela ausência de ânimo como não se conhece em outro monarca português. Não possuía idéias próprias, ação, movimentos de iniciativa ou vontade. Só pensava pela cabeça de seus cavaleiros. E, quando, com sobrenatural esforço, em laborioso parto, dava à luz uma idéia não se podia confiar muito, porque, do pensamento mudava o homem, sempre, como não mudava de roupa branca e de feitiço. Incerto e vário, como um catavento".

Mas sinceramente sempre se revelou amigo do Brasil, um homem de coração acima do vulgar, embora como rei, fosse abaixo do mediocre. Há os que o defendem porque foi durante o seu reinado que se criou o clima propício à independência... E há os que só descobrem no pobre marido de D. Carlota Joaquina todos os defeitos possíveis.

COMO VIVIAM OS NOBRES

Quando se fala em condes, marqueses e outros figurões daqueles tempos pensa-se logo em opulência e riqueza. Nada mais falso. Informa Oliveira Martins que a tradição de pobreza dos nobres de Portugal é patente em numerosos livros e depoimentos. Os fidalgos vindos de Lisboa para cá, nada tinham da magnificência de



O carro de boi, primeiro veículo que o Brasil possuiu, sulcou o solo de nossa terra desde os tempos da colônia e do império, ajudando a escrever os primeiros capítulos da história do povoamento nacional

vida que supomos próprias da nobreza. Muitos viviam das pensões que o Regente lhes mandava dar. Melo Moraes, Pai, em sua "Transladação da Corte" dá uma lista de cerca de 300 sanguessugas dos cofres nacionais. Mas o nobre orgulho ocultava a sua pobreza, e gostava de exibir-se de todos os modos, inclusive mantendo uma criadagem enorme. Curioso é que os fâmulos, embora também curtissem miséria, e que quase nunca recebessem ordenado, davam-se arres importantes, e consideravam-se também quase nobres!

Pois foi uma chusma desta gente, qual nuvem de gafanhotos, que desabou sobre o Rio. Já o lar do brasileiro sofria, de há muito, os resultados de uma estranha lei: os soldados portugueses tinham ali direito de hospedagem gratuita, instalando-se pelo tempo de que o Vice-Rei designasse. Muitos funcionários do Reino gozavam de igual direito. Imagine-se os transtornos que isso ocasionava!

Os nobres que acompanharam D. João gozaram deste odioso privilégio: instalaram-se, sem despêsa alguma, nas melhores casas brasileiras, expulsando os legítimos donos. E não havia como protestar. Quem o fizesse pagaria caro o seu crime na cadeia do Aljube.

ABERTURA DOS PORTOS

Qualquer escolar sabe que que por aquela época foram os portos brasileiros abertos ao comércio das nações tidas como amigas. Acontece que a medida foi tomada, não em atenção ao desejo dos colonos mas para satisfazer os apetites mercantis da Inglaterra e de alguns altos funcionários. Um dos resultados imediatos da lei foi que as modas e modos de França invadiram o Rio, deslumbrando o carioca daqueles tempos. E em breve, a famosa Rua do

Ouvidor ostentava lojas, repletas de mercadorias francesas.

VISÃO DE CONJUNTO

Vejamos como mestre Oliveira Lima sintetiza o governo de el-rei: "A época de D. João VI estava destinada a ser, na História Brasileira, pelo que diz respeito à administração, uma era de muita corrupção e peculato, e quanto aos costumes privados, uma era de muita depravação e frouxidão, alimentadas pela ociosidade e pela escravidão. Seria preciso que soprasse o vento forte da Independência e dispersasse essas nuvens carrancudas, para se entrever uma nesga de firmamento azul".

E Armitage, segundo citações de Luis Edmundo "Os novos hóspedes pouco se interessavam pela prosperidade do país, consideravam temporária sua ausência de Portugal, e propunham-se mais a enriquecer-se à custa do Estado do que administrar justiça ou beneficiar o público..."

ASPECTOS CURIOSOS

Deixemos aos graves compêndios de História, a análise dos fatos que se desenvolveram, culminando primeiro com a constitucionalização da monarquia, e mais tarde, com a volta da Família Real, a coroação de D. Pedro I, e os eventos do Império, dos quais o mais importante, foi a Independência. Nosso intuito é bem outro. Basta-nos esboçar, em largos traços a fisionomia daqueles tempos no Rio, tentando evocar o tipo de vida que se levava.

Sabe-se que a Família Real estava modestamente instalada em um casarão feio e forte, junto ao cais. A criadagem era enorme: camareiras, damas-de-honra, açafates, moças de lavar, servidores da toalha... sem contar a gente das cavalaria e os

fâmulos dos fâmulos, num total de 700 pessoas. E lógico que nem todos cabiam no casarão semi-arruinado. Por isso, foram instalados em outros pardeiros da vizinhança, inclusive na cadeia. Quanto aos transportes para o serviço do Paço, havia grosseiros cabrioles, que o povo chamava de "coches". Os nobres, quando tinham carruagens não as usavam "para que se não estragassem" nas ruas quase intranstráveis. E o inglês Lucecock, indiscretamente, refere-se a um dia de beija-mão de gala, quando viu apenas "seis carruagens abertas, de duas rodas, puxadas por duas mulas, e conduzidas por negros imundos..."

O Rio, pela época, tinha ainda fisionomia pacata, triste e acanhada da cidade do tempo dos governadores e dos vice-reis. Casarão mesquinho, ruas onde crescia barba de bode, arquitetura pobre, estradas péssimas.

O RIO VISTO POR TEODORO BOESCHE

Descrevendo o Rio de antes de 1830, o alemão Boesche gaba-lhe o aspecto geral, as belezas naturais, a riqueza das igrejas, revoltando-o porém, a fealdade das rútilas, a falta esboçada de asseio das ruas, e o ruído contínuo com foguetes a espoucar, canhões a troar, sinos a repicar e negros a berbar pelas ruas.

Penosa também é a impressão causada pelos mendigos, a asquerosa exposição de chagas e aleijões, a nudez e extrema penúria dos negros e a carestia de viveres. Mas elogia a altivez nativa: "o mais humilde brasileiro não se mostra perturbado ou embaraçado, como acontece nas classes baixas em relação aos deuses da terra." Classifica-o de "homem de nobre sentimento, livre, e de alta dignidade humana". Referindo-se às maneiras gentis do carioca de alta classe diz que

"lembrava os tempos cavaleiros e medievais, revivendo no Rio de Janeiro, a galanteria romântica das épocas passadas".

Quanto aos cariocas, classifica-as de excessivamente românticas, habilíssimas na arte de se servirem da mimica, para se comunicarem com seus admiradores. Admirou a graça e atração das mulatas, e elogiou as moças negras assim: "entre essas filhas de Eva existem verdadeiras belezas, pelo alroso do porte, elegância, harmonia e plenitude de formas, graça natural e majestade inata".

Inspidíssima, nua, a vida social no Rio de 1830, declara Boesche. O principal pretexto para o convívio eram as festas sacras, realizadas com enorme pompa e dispêndio. Mantinham os franceses do Rio um Teatro, cujo pessoal de cena era recrutado entre os caixeiros, modistas e contra-mestres das casas da rua do Ouvidor. "Grande Racine, exclama o

viajante alemão, se acaso o teu espírito imortal por cá surgisse, não haverias de reconhecer as tuas obras primas na cena fluminense, de tal modo aqui as estropiam!"

CONCLUSÃO

Concluindo esta série de quatro reportagens sobre o "Rio Antigo" terminamos a tarefa de apresentar alguns aspectos pitorescos e curiosos da História da mais bela cidade do mundo.

Evitamos uma sistematização rigorosa e pormenores cansativos por considerá-los inadequados para publicação em jornal. Preferimos, antes de tudo, a apresentação da paisagem social daqueles séculos perdidos na sombra dos tempos. Como é evidente, apoiamo-nos em extensa bibliografia, em autores que dedicaram o melhor de suas vidas ao estudo e análise de documentos e velhos arquivos concernentes à mais fascinante de todas as histórias — a de nossa pátria.

TELEVISORES

PHILCO
PHILIPS
GENERAL ELECTRIC
SEMP

Cr\$ 35.200
mensais

EletroRÁDIO
BARÃO DE JAGUARA, 1.277